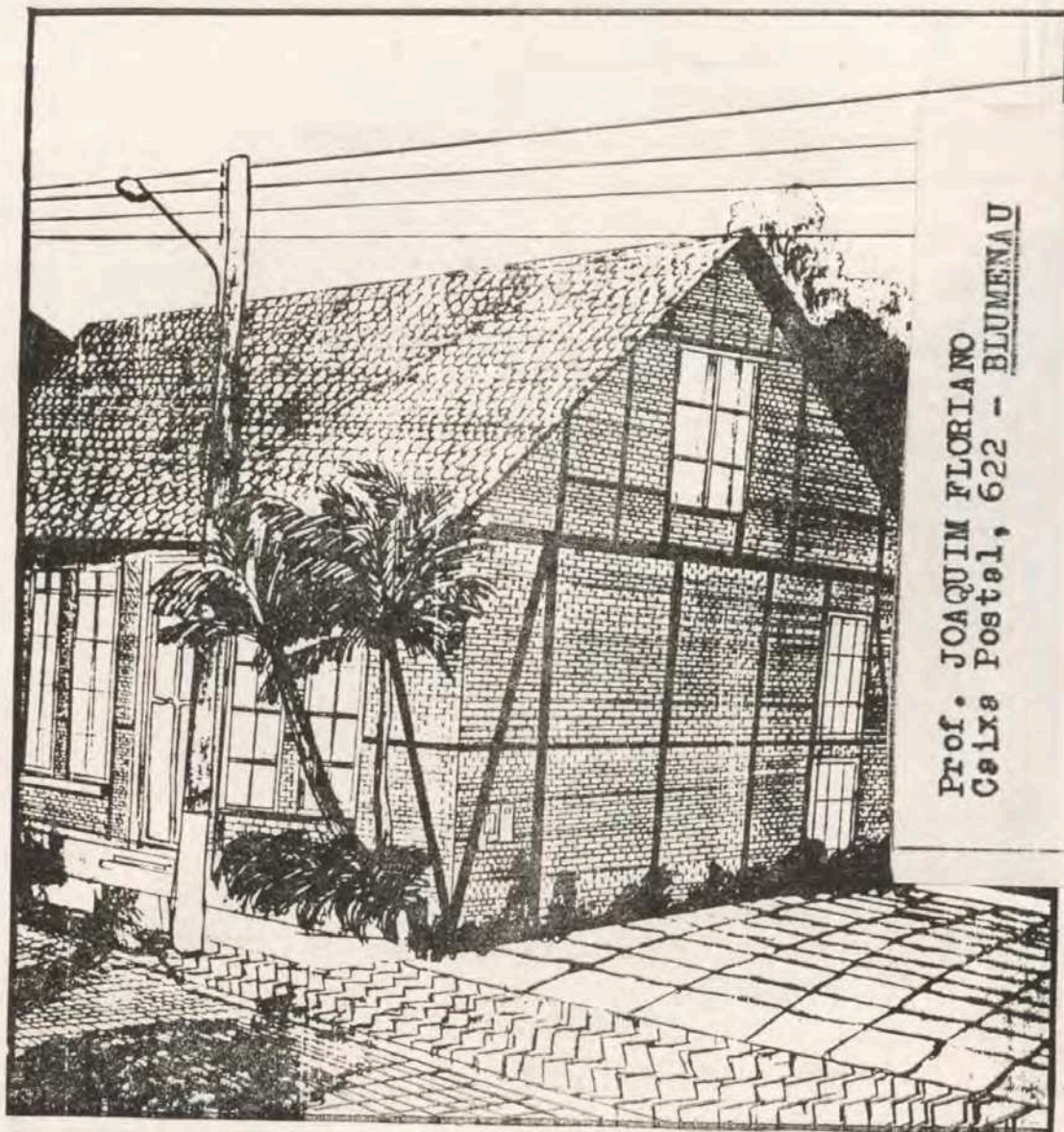


Blumenau em cadernos

TOMO XXXI

Janeiro de 1990

Nº. 1



Prof. JOAQUIM FLORIANO
Celsa Postel, 622 - BLUMENAU

PORTE PAGO
DR/SC
ISR-58 - 603/87

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Dietrich Schmidt
WANGNER — Reutlingen — R.F.A.
Walter Schmidt Comércio e Indústria
Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Casa Mayer
Lindner, Herwig, Shimizu — Arquitetos e Associados
Sul Fabril S/A.
Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXI

Janeiro de 1990

Nº. 1

SUMÁRIO

Página

Centenário do nome Brusque	2
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos	3
Subsídios Históricos	6
Colonização — Imigração	8
Olinda	11
Autores Catarinenses	12
Instruções para os chefes de turmas de operários nas obras públicas em 1875	15
Em busca de origens de Suzana Mezzadri	16
Schrader comemora 130 anos com trabalho de cinco gerações.....	19
A disciplina na escola	24
Aconteceu — Dezembro de 1989	29
As previsões futuras para a indústria de máquinas no fabrico de laticínios no Sul do Brasil	31
Schuermann Equipamentos Industriais Ltda atinge seus 43 anos	32

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs) NCz\$ 20,00 + 5,00 (porte) = NCz\$ 25,00
Número avulso NCz\$ 5,00 — Atrasado NCz\$ 10,00

Assinatura para o exterior NCz\$ 100,00 + 50,00 (porte) = NCz\$ 150,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Capa - Desenho: Elias Boell Júnior * Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenau Ltda.

Centenário do nome BRUSQUE

Maria do Carmo R. K. Goulart

1. **Ficha técnica:** Brusque está localizada no Vale do Itajaí-Mirim. Situa-se a 21 m. acima do nível do mar. Área total 281 km². Relevo ligeiramente acidentado. Dista cerca de 30 km do maior eixo-rodoviário Norte/Sul brasileiro: a BR-101 e 110 km da Capital do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

População calculada de 57.000 habitantes. Economia: parque fabril-têxtil, metalúrgico e do vestuário; extrativismo: madeira, lenha, cascalho e brita; agricultura: feijão, arroz, aipim e fumo; pecuária: avicultura, suinocultura e rebanho bovino.

2. **Por que o nome Brusque?** — Francisco Carlos de Araújo Brusque era presidente da Província de Santa Catarina quando da criação da Colônia Brusque, mais tarde originando o município do mesmo nome. Foi uma homenagem dos administradores e colonos ao Presidente.

3. **Pequena biografia do homenageado.** Nasceu a 24 de maio de 1822 em Porto Alegre. Filho do Coronel Francisco Vicente Brusque e Delfina Carlota de Araújo Ribeiro. Presidiu a Província de Santa Catarina de 21 de outubro de 1859 a 17 de abril de 1861. Deputado pelo Rio Grande do Sul, Presidente da Província do Pará, ocupou os ministérios da Marinha e da Guerra do Gabinete Zacarias de Goés. Faleceu na cidade gaúcha de Pelotas, no dia 23 de setembro de 1886, aos 64 anos de idade.

4. **A Resolução.** A 17 de janeiro de 1890, Resolução do Governador Lauro Müller mudava o nome da Vila de São Luiz Gonzaga para Brusque, oficializada nos seguintes termos:

“O Governador do Estado, considerando que a Vila de São Luís Gonzaga, conquanto tenha este nome oficialmente, é mais conhecida por Brusque, não só neste Estado como fora dele; que a sua criação é devida a um distinto brasileiro, cujo nome deve ser lembrado pelos serviços que prestou como Presidente desta Província,

RESOLVE, autorizado pelo Decreto nº. 7 de 20 de novembro de 1889, mudar o nome da Vila de São Luís Gonzaga para Vila de Brusque. Cumpra-se. Palácio do Governo do Estado de Santa Catarina, 17 de janeiro de 1890. (a.) Lauro Severiano Müller”.

5. **A comemoração.** Neste sentido, encaminhamos ao líder municipal da Câmara de Vereadores de Brusque, sr. Ivan Walendowsky, correspondência no sentido que se preste uma homenagem à data alusiva ao Centenário da oficialização do nome BRUSQUE, aproveitando tal “gancho” para inauguração de painéis que contém a retrospectiva histórica da presença dos imigrantes poloneses na cidade, haja vista os 120 anos de imigração polonesa para o Brasil. Tais painéis, mandados confeccionar pela Prefeitura Municipal, constituem a expressiva memória do que foi tal colonização em Brusque, com resgate ético/cultural para que o povo tome conhecimento de sua História.

Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos

TERMOS DO LIVRO DE TOMBO (V)

Pe. Antônio Francisco Boha

Termo 201: Termo de bênção da capela das Irmãs da Divina Providência, em 19.03.1899.

Termo 202: Termo da ereção da Via Sacra na capela das Irmãs da Divina Providência, em 20.03.1899.

Termo 203: Aos 19.10.1902, o Sr. Bispo fez publicar um "mandamento" que trata da leitura e explicação da Carta Pastoral de 02.02.1900.

Termo 204: Teor do "mandamento" do Sr. Bispo, em 17.10.1902.

Termo 205: Provisão de fábriheiro da Igreja de Blumenau em favor do Rev.mo Superior dos franciscanos, em 08.11.1902.

Termo 206: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Xavier Harzmann e Hermina Kirke, em 07.01.1903.

Termo 207: Cópia da declaração e doação de parte do lote 124 para construção de um cemitério em Massaranduba, 07.01.1903.

Termo 208: Termo de bênção do cemitério situado no lote 124 da linha Massaranduba, em 07.01.1903.

Termo 209: Termo de bênção do cemitério em Treze de Maio, no lote 57, em 10.01.1903.

Termo 210: Provisão de vigário encomendado em favor do Pe. Superior do Convento, em 28.02.1903.

Termo 211: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Maria Geissler e Augusto Ladevig, em 31.03.1903.

Termo 212: Portaria da ereção da Congregação das Filhas de Maria em Indaial, aos 28.03.1903.

Termo 213: Termo da ereção da Irmandade de Santo Antônio em Blumenau aos 04.09.1903.

Termo 214: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Margarida Preis e Carlos Kleinschmitt, em 01.09.1903.

Termo 215: Carta pastoral do Sr. Bispo ao clero e leigos sobre diversos assuntos, em 27.08.1903.

Termo 216: Termo de falecimento do Papa Leão XIII ocorrido a 20.07.1903.

Termo 217: Termo da eleição e coroação do novo Papa Pio X, a 04.08.1903.

Termo 218: Termo da ereção da Via Sacra na capela de N. S. das Dores, em Treze de Maio, em 19.09.1903.

Termo 219: Provisão de dispensa matrimonial em favor de João Bramowski e Anselma Beck, em 08.09.1903.

Termo 220: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Leopoldo Matthias Hoffmann e Katharina Zimmermann, em 17.09.1903.

Termo 221: Carta Circular de Dom José, bispo de Curitiba, aos párocos sobre os festejos do Estado do Paraná, em 19.11.1903.

Termo 222: Termo da ereção da Via Sacra no Convento das Irmãs da Divina Providência, em 09.12.1903.

Termo 223: Pedido do Fr. Wendelino para abençoar a nova capela das Irmãs da Divina Providência. Concedido em 10.12.1903.

Termo 224: Provisão de dispensa matrimonial em favor de João Guilherme Netzger e Laura Schulz, em 30.11.1903.

Termo 225: Provisão de Dom José para ereção e fundação da capela Santa Isabel, no bairro Garcia, em 30.11.1903.

Termo 226: Carta Coletiva dos Bispos da Província Eclesiástica do Rio de Janeiro sobre a celebração do jubileu da definição do Dogma da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, em 16.11.1903.

Termo 227: Carta Circular de Dom José sobre a Comissão encarregada de preparar as homenagens em honra da Imaculada Conceição, em 24.02.1904.

Termo 228: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Alberto Heckert e Alvina Hadlich, em 29.01.1904.

Termo 229: Provisão de vigário encomendado da paróquia em favor do Pe. Superior do Convento dos franciscanos. Dada em 07.03.1904.

Termo 230: Pedido de Fr. Redempto Kullmann ao Sr. Bispo para erigir a Via Sacra na capela das Irmãs da Divina Providência. Concedido em 20.03.1904.

Termo 231: Termo da ereção da Via Sacra na capela das Irmãs da Divina Providência, em 21.03.1904.

Termo 232: Despacho à petição da superiora das Irmãs, em 21.03.1904.

Termo 233: Pedido de Fr. Chrysólogo Kampmann ao Sr. Bispo para abençoar a pedra fundamental da nova capela de Santa Isabel no Garcia. Concedido em 21.03.1904.

Termo 234: Termo de bênção da nova capela das Irmãs da Divina Providência, por provisão de 10.12.1903.

Termo 235: Termo de bênção da capela do Perpétuo Socorro em Warnow, em 23.05.1904.

Termo 236: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Katharina Phillipps e Luís Hadlich, em 10.05.1904.

Termo 237: Pedido de Fr. Chrysólogo Kampmann ao Sr. Bispo para que dê faculdade a Fr. Francisco Tenschert proceder a bênção de uma cruz do cemitério do lugar chamado Landweg. Concedido em 21.06.1904.

Termo 238: Termo de bênção da cruz no cemitério de Landweg, em 24.06.1904.

Termo 239: Termo da ereção da Via Sacra na nova capela de Warnow, em 29.06.1904.

Termo 240: Provisão de dispensa matrimonial em favor de Elsa Gramp e Germano Schwelzer, em 26.06.1901.

Termo 241: Provisão de dispensa matrimonial em favor de José Mathias Zimmermann e Ana Maria Schmitt, em 11.01.1902.

Termo 242: Carta Pastoral de despedida do Sr. Bispo Dom

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

José da diocese de Curitiba em 07.04.1904.

Termo 243: Primeira Carta Pastoral do novo bispo de Curitiba, Dom Duarte Leopoldo e Silva, em 22.05.1904.

Termo 244: Mandamento do Sr. Bispo sobre o retiro espiritual, em 15.10.1904.

Termo 245: Carta Circular do Sr. Bispo sobre a propagação do boletim informativo "Estrela" em 01.11.1904.

Termo 246: Aos 08.09.1904, os bispos da Província Eclesiástica Meridional do Brasil publicaram uma carta coletiva comunicando ao clero e fiéis o resultado das conferências dos mesmos no Santuário de Aparecida.

Termo 247: Provisão de promissão de encerramento das Missões em Blumenau, em 10.11.1904.

Termo 248: Provisão de promissão em honra à Imaculada Conceição, em 29.11.1904.

Termo 249: Provisão concedendo licença para que no dia 8 de dezembro, em Blumenau, se celebre uma missa campal em honra da Imaculada Conceição, dada em 06.12.1904.

Termo 250: Pedido de Fr. Chrysólogo ao Sr. Bispo para que dispense a paróquia de uma parte de contribuição. Concedido em 20.01.1905.

Termo 251: Provisão de vigário encomendado da paróquia em favor do Pe. Superior do

Convento dos franciscanos, em 21.02.1905.

Termo 252: Termo de bênção de uma cruz no cemitério da Linha dos Telégrafos, em 09.04.1905.

Termo 253: Pedido de Fr. Chrysólogo ao Sr. Bispo para abençoar dois cemitérios: um na Linha dos Telégrafos e outro em Guarany-Assu. Concedido em ... 23.03.1905.

Termo 254: Pedido de Fr. Chrysólogo ao Sr. Bispo para a ereção das estações da Via Sacra nas capelas de Linha dos Telégrafos e Guarany-Assu, em 22.03.1905.

Termo 255: Termo de bênção de uma cruz no lugar chamado Sete de Janeiro, em 11.04.1905.

Termo 256: Relato das Missões realizadas em Indaial, de 18.10. a 02.11. de 1905.

Termo 257: Relato das Missões realizadas em Blumenau de 13.11 a 20.11.1905.

Termo 258: Relato das solenidades realizadas durante o ano jubilar da proclamação do dogma da Imaculada Conceição, em 08.12.1904.

Termo 259: Ereção da Congregação das Filhas de Maria na paróquia São Paulo Apóstolo.

Termo 260: Provisão quinquenal de celebração de missa para a capela de Santa Isabel no Garcia e licença para benzer a imagem da padroeira desta capela, em 26.07.1905.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville a partir de 20 de dezembro de 1862. Notícia de 9 de novembro de 1867:

O BRASIL NA EXPOSIÇÃO MUNDIAL DE PARIS (Continuação)

Não menos importante é a lã sedosa de uma árvore, que no Brasil se utiliza na manufatura de cobertores, e a qual a indústria europeia poderia igualmente aproveitar. As cervejas, os vinhos, os licores expostos, não passam de simples amostras, pois nada significam no comércio internacional. No Rio de Janeiro se fabricam anualmente milhões de garrafas de cerveja, o que prova haver um excesso de direitos alfandegários, pois um país que não produz nem lúpulo, nem cevada, e onde a mão de obra é mais dispendiosa que na Europa, não pode fornecer cervejas mais em conta para o consumo do que os países que produzem as matérias primas e onde a mão de obra é mais barata. (Na Colônia Dona Francisca foi iniciado o cultivo do lúpulo com bons resultados. Certamente a produção seria bem mais compensadora, se o cultivo fosse mais difundido. O mesmo acontece com a cevada no Planalto. O fabrico de cerveja está tomando extraordinário impulso aqui e em outras localidades, mas sobretudo no Rio de Janeiro, garantindo assim a procura sempre crescente desses produtos). Os vinhos de caju e de abacaxi, mais propriamente chamados de licores, conservam bem o aroma das frutas, mas resta saber a que preços podem ser lançados no mercado. Os vinhos das colônias francesas são vendidos por preço elevado na França, mas o comércio com os mesmos é muito limitado. As bebidas alcoólicas, imitando Conhaque velho, Chartreuse, Genebra, Curaçao Holandês, etc., fabricados no Brasil, são considerados falsificações, que nem mereceriam um lugar na Exposição. Os objetos mais notáveis na Exposição Brasileira são as madeiras para móveis e construções, expostas em imensa pirâmide, com mais de 400 espécies. Esta preciosa coleção está magnificamente disposta em uma sala, cujas paredes representam uma floresta virgem, os cipós pendendo das árvores, repletas de flores brilhantes, enleiam os troncos ramosos. No fundo ergue-se uma árvore gigantesca, cujos galhos formam o teto da sala e por entre os galhos brilha o céu azul. Essa decoração se deve ao pincel do hábil pinto-decorador francês Rubé, tornando o salão um dos locais mais atraentes do palácio. Existem ali amostras de madeiras, cujas cores vivas e brilhantes suscitam grande admiração entre os marceneiros e embutidores. As mais notáveis coleções são as da Comissão Provincial do Pará, do Sr. Pimenta Bueno e a da Comissão Provincial do Paraná. Os comerciantes de madeiras, os marceneiros e os entalhadores reconhecem que a

exposição de madeiras do Brasil ocupa o primeiro lugar. Outros países também estão representados com excelentes amostras, como o Canadá, a Argélia, a Guiana, a Austria, nenhum, no entanto, apresentou mostruário tão variado. Enquanto o Canadá enviou apenas algumas amostras, o Brasil expôs mais de 400, todas apropriadas a construção de navios e de casas ou de obras de marcenaria. É nas margens do Rio Amazonas que se encontram as árvores, futuramente empregadas nos estaleiros da Europa. As florestas da Europa estão desfalcadas, enquanto as matas às margens do Rio Amazonas representam uma área ainda inexplorada. Agora, que a navegação do grande rio está franqueada aos navios mercantes de todas as nações, o comércio com estas madeiras preciosas terá grande impulso e a Europa encontrará as madeiras por bom preço para as suas armadas nas províncias do Amazonas e do Pará. É este o lado prático da Exportação Brasileira. A nossa Comissão é digna de encômios, pois soube agrupar os artigos brasileiros de maneira inteligente, tornando a Exposição extremamente atrativa, devido ao gosto apurado de sua ornamentação. Soube ela também compreender que mesmo ali o público mais compreensivo necessita de explicações e por isso distribuiu os seus catálogos em diversos idiomas, e em todas as salas encontram-se funcionários que sollicitamente fornecem explicações sobre os artigos expostos.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

ESCOLA ALEMÃ QUER CONHECER BLUMENAU QUE DEU NOME A UM BAIRRO EM MUNIQUE

A existência de um bairro com nome de Blumenau, em Munique, capital do Estado Livre da Baviera, na República Federal da Alemanha, fez com que a reitora da Escola Volksschule München, enviasse correspondência ao prefeito Vilson Kleinubing. Sra. Bopp, a reitora, pediu informações da cidade, inclusive folhetos e fotos, que serão apresentados aos alunos daquela escola.

A Volksschule München está localizada na Rua Blumenau, nº. 11, e segundo a reitora, o nome do bairro surgiu devido a existência da cidade de Blumenau. Diz a correspondência, que é de grande interesse dos alunos conhecer a Blumenau brasileira. Pede informações sobre a aparência da cidade, fundação, arquitetura, os primeiros colonos alemães, sobre o Dr. Blumenau, se há ainda alguma escola alemã e solicita o envio de fotos e folhetos.

O prefeito Vilson Kleinubing, através de Alfredo Wilhelm, correspondente em idioma alemão do gabinete do prefeito, já entrou em contato com a escola alemã, remetendo o livro "Blumenau — a Loira Cidade do Sul". É de suma importância esses contatos, para tanto pretendemos intensificá-los", disse Vilson Kleinubing. O prefeito sugeriu que os blumenauenses que visitarem Munique, na Alemanha, conheçam o bairro Blumenau. Informou ainda, que a intenção é promover um intercâmbio entre os estudantes alemães e blumenauenses.

Colonização - Imigração

"BLUMENAUER ZEITUNG"

Nº. 25 - Sábado, 16 de junho de 1883 - Ano 3

Artigo de 1ª. página

Características de uma progressiva colonização.

Encontramos no calendário "Americano — Suíço" de 1883, editado por Feierabend e Ott, de Nova York. Valorosos e práticos conselhos para os projetos de colonização. Visamos em especial as colonizações projetadas e já efetuadas no Paraguai, para onde já foram inúmeras famílias. De alemães no Paraguai e de regresso a Buenos Aires, ouvimos relatos da enorme miséria e sofrimento que ali passaram e outras ainda estão passando.

Os colonizadores que não pecam, pois o que estão fazendo é contra os direitos do homem. No artigo ainda dizem mais, que o colono alemão deve ser estabelecido em regiões adequadas, do contrário sua força fraqueja. Também onde não existem as mínimas condições do plantio de trigo e outras frutas e verduras conhecidas por eles, não é terra apropriada para o colono alemão. A colonização deve ser estabelecida de tal forma que haja fácil caminho para a comercialização dos produtos; igualmente também deve existir um apoio mútuo.

Mais condições importantes são as seguintes — Facilidade de comunicação, para que os produtos possam ser comercializados imediatamente e não caiam

nas mãos dos intermediários. O colono precisa estar convicto, de que trabalho com sacrifício numa terra estranha para ele é para o seu progresso e não para comerciantes amadores, grandes industriais e outra potência qualquer; de terras escolhidas.

Nos locais destinados a colonização deve existir uma natureza que lhes oferece sem grande esforço e pouco capital, mesmo sem grande conhecimento, uma terra boa para o plantio e não regiões pantanosas. Deve existir a possibilidade para que o humilde também possa trabalhar e sobreviver. Deve haver um desenvolvimento tão progressivo para que capitalistas vejam a oportunidade de empregar dinheiro e iniciem indústrias nesta região. É preciso colonizar com gente simples, habituadas ao trabalho braçal e com pouco dinheiro; e que podem extrair da terra o suficiente para sobreviver. Não é aconselhável misturar os "portadores de cultura" com a pobreza; não é possível igualá-las. Sacrifício ou dedicação não podem substituir insuficiência; trabalhadores constantes são poucos e difícil de encontrar. Bom trabalho manual é difícil de encontrar, mas nestas ocasiões são valiosos. Estes às vezes se tornam revoltados que sem dó e piedade põe todo o empreendimento em risco. Com estas pessoas ninguém no mundo pode, iniciar uma colonização. Há excessões à regra,

mas são muito raros. Oficiais dispensados, funcionários, estudantes não aprovados em exames são para esta vida totalmente sem valor; são ao contrário um peso morto. Da mesma forma pessoas sonhadoras como poetas e escritores, são de antemão rejeitáveis.

Quando alguém encontrou uma região que corresponde aos requisitos acima citados, não deve logo pensar ter encontrado o paraíso ou descoberto o novo Eldorado. Mas esta pessoa pode com tranquilidade afirmar, que toda pessoa esforçada pode construir seu próprio paraíso, pois só assim o encontrará. Os senhores colonizadores que virem, como principal as condições da natureza e clima para instalar sua colonização, boa terra para o cultivo, são os requisitos principais.

Que para uma colonização alemã só serve terra onde cresce o trigo não aceitamos; o milho fornece uma excelente farinha para o fabrico de pão. Quando encontrarmos jovens aqui nascidos verificamos sua boa constituição física que já herdaram de seus pais.

Nestas colônias não se deve esquecer também o pão espiritual e intelectual para os imigrantes estudados. A conservação do espírito alemão e seu contato com a terra mãe não se pode eliminar e uma vida trabalhosa; precisa sair da monotonia ou em pouco tempo restará pouco do que trouxeram.

“A nova redução de imigrantes para o Brasil”

(Fonte: “Blumenauer Zeitung”; 13.03.1885; anos 5; nº. 24)

“O jornal “Die Germania” escreve sobre a nova redução de imigração para o Brasil. Mal o novo Ministro da Agricultura assumiu o cargo, sua primeira medida foi derrubar o sistema do Ministro anterior que já estava fazendo, pois este havia entrado em acordo com a Sociedade Central e adotou suas idéias. Assim o anterior Ministro Antonio Carneiro da Rocha a pedido de muitos colonos havia prometido facilidades de viagens a parentes e amigos destes e que estavam interessados em imigrar. Seu sucessor anulou todas as vantagens a eles concedidas, isto quer dizer, todas aqueles que na Europa estavam confiantes na promessa de viagem livre de qualquer Porto da Europa prometida pelo Governo, até o Rio de Janeiro. Estas pessoas que se preparam ou já estão preparadas, agora, de repente tomam conhecimento que a promessa de um Governo Brasileiro se tornou sem valor porque não recebem viagem grátis.

Há talvez muitos que na Europa já venderam tudo. Muitos talvez já chegaram ao Porto e aqui tomam conhecimento desta nova medida. O Governo Brasileiro não concede a passagem gratuita. Com esta medida en-

TEKA É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

ganou e ludibriou o imigrante. Isto é um abuso de confiança, um atentado contra a moral do governo, porque o que um Governo uma vez prometeu também terá que cumprir indiferente se a pessoa no cargo é a mesma ou não. O que aconteceu é um atentado gritante a moral governamental pelo atual Ministro da Agricultura João Ferreira de Moura. A promessa de um ministro que levou centenas de pessoas a abandonar casa e propriedades, não pode ser declarado sem valor com esta medida por parte de seu sucessor. O que mais sofre é o próprio Governo que não só descredita a si mesmo, mas todo o país sofre as consequências. Que crédito se dará futuramente aos nossos Ministros que em verdade têm vida curta? E logo agora um grupo que tem na presidência um **honesto**, o presidente Saraiva, já começa desta forma.

Taunay e a Sociedade Central protestaram mas sem sucesso. Imaginem agora se a Sociedade Central tivesse intensificado a sua propaganda como foi pedido sob o mandato do ministro anterior. A sequência dos acontecimentos mostraram que a sociedade estava certa em não intensificar a propaganda antes de receber as garantias necessárias para seu bom nome e o progresso dos colonos.

Taunay conhece bem os pulos e medidas de que são capazes nossos ministros. Ele não podia dar-se por satisfeito com palavras do Ministro, queria garantias para as promessas feitas que certamente cairiam por terra ao primeiro sopro político.

A imigração que mal começou outra vez a fluir, estagnou novamente e se tornará sempre

mais difícil o seu reinício. A impressão que fará na Europa será a mais infeliz. Não mudará em muito as aparências do Brasil. Uma renovação talvez nem seja mais possível porque Saraiva é em verdade um homem **honesto** mas também um **honesto** nativista e como parece todo seu Governo".

Reunião da Sociedade Alemã de Colonização

Fonte Blumenauer Zeitung; 28.03.1885, Ano 5 nº. 13.

"A Sociedade Alemã de Colonização com uma associação afiliada em Braunschweig, no dia 30 de janeiro as 8 horas da noite se reuniu no Restaurante Ulrici para a sua 1ª. Assembléia Geral. Como o Jornal de Braunschweig revelou que os antigos membros da diretoria continuariam no desenvolvimento da Sociedade menos o senhor Spielberg que foi substituído pelo Sr. Horn. Ao mesmo tempo resolveram que o excesso de 34,24 marcos não seriam passados para a matriz em Frankfurt mas que ficariam ali à disposição, pois esta filial já conta com 160 sócios. A arrecadação do ano passado chegou a 980 marcos. Ademais, a Sociedade afiliada "Die Wiesbaden" pediu que a de Frankfurt fosse mudada para Berlim. Ao mesmo tempo foi feito a interpegação se a proibição de imigração para o Brasil ainda continuava em vigor. Chegou as mãos da Sociedade afiliada de Braunschweig também a interrogação das colônias no estrangeiro sobre o clima, a cultura da terra e sobre interesses co-

merciais em geral. Após outros debates e troca de idéias sobre a imigração ao sul do Brasil e Á-

frica do Sul, o administrador de economia encerrou a reunião".

Tradução: Edith Sophia Eimer).

OLINDA

Cidade e Município do Estado de Pernambuco, Vila fundada pelo Donatário da Capitania, Duarte Coelho Pereira, em 1530. O seu nome originar-se-ia da exclamação que ele soltou, ao ver aquele lugar tão bonito: "Ó! linda posição para uma vila!"; de 1537 a 1542 construiu-se, ali, sobre uma Colina, a Igreja de Salvador, Sé de Olinda, hoje Catedral de Olinda e Recife; em 1537, construiu-se o Palácio Episcopal; a Vila prosperou muito nos primeiros anos e, durante a invasão holandesa, ofereceu séria resistência aos invasores que, a incendiaram, indo fixar-se em Recife; em 1710-1711 constituiu o centro da resistência movida pelos brasileiros ricos, donos de canaviais e engenhos das redondezas, aos portugueses, que somente pensavam em comércio, episódio conhecido como **Guerra dos Mascates**; em 1534 foi fundada a Capitania de Pernambuco, com sede em Olinda, que foi elevada a Cidade e Capital da Capitania até à Proclamação da Independência do Brasil, quando a Capital da Província passou para a Cidade de Recife. Olinda pertence à Microrregião do Recife.

2 — Vila e Distrito pertencentes ao Município de Nilópolis, Estado do Rio de Janeiro, da Microrregião Fluminense do Grande Rio.

ORIGEM TUPI: O (A, o, as, os) mais URA igual UR' (Vir) mais IN (Cavalgar) mais TAC igual TA' igual NDA (Bater, dar estalo) igual AS QUE VÊM CAVALGANDO E BATEM igual AS (ONDAS) QUE VÊM CAVALGANDO E ESTALAM igual AS ONDAS DA PONTA DE OLINDA SÃO DIFERENTES, ATÉ AOS NOSSOS DIAS, POIS ESTÃO COMENDO A CIDADE igual OURINDA igual ORINDA igual OLINDA.

Como se vê, não acreditamos na estória dos amigos de Duarte Coelho Pereira: "Ó linda posição para uma Vila!".

De estórias feitas às pressas
A nossa História está cheia;
Mas este Autor não vai nessas
Cantilenas de sereia..."

(Transcrito de "TOPÔNIMOS BRASILEIROS COM TRADUÇÃO DOS DE ORIGEM INDÍGENA", ainda inédito (8 vol. de 500 páginas cada um = 4.000 páginas) do mesmo Autor do "PEQUENO LIVRO").

Hermes Justino Patrianova

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

CRÔNICAS DAS AUSÊNCIAS DOLORIDAS

Pulando de comarca em comarca, foi nesta década de 80 que mais me afastei dos Campos Gerais. A necessidade imperiosa de rever o campo, alongar a vista pelas coxilhas até onde elas confinam com o horizonte e libertar-me por uns dias da morraria opressiva surgia sempre, de tempos em tempos. E então lá ia eu, como faço ainda hoje, de rota batida no rumo da Serra-Acima. Cada nova visita, no entanto, me deixa mais alarmado com o que lá acontece, tanto pelas alterações violentas que a região vem sofrendo como pela devastação impiedosa de que é vítima. Esses dois fatos se destacam na visão que guardo de meu chão natal neste decênio que termina.

As pequenas cidades, manchas diferentes do mar esverdeado das colinas, padecem todos os malefícios de um urbanismo de imitação. Sobre o asfalto das ruas centrais correm juntos os veículos e o barro vermelho que desce das partes altas, tingindo-o de cor indefinível, como que protestando pela intrusão. Ao longo das ruas largas se elevam casas de alvenaria, muitas delas destoando do meio e do clima, substituindo as confortáveis e espaçosas moradas de madeira em cujas áreas o mate cercava a roda e se desenrolava a prosa mansa dos compadres. Mesmo porque lá também a madeira virou objeto de luxo.

Mais adiante, na esquina mesma do Jardim, se ergue um esbelto prédio de apartamentos, apontado com orgulho como o mais alto espigão da cidade. Suas janelas, rebrilhando ao sol, parecem sorrir com ironia diante dos espaços livres que se perdem de vista. Num mundo de vazios e amplidões, os homens se empoleiraram em cubículos.

Até ali o êxodo rural está presente. Tangido pela falta de serviço, o caboclo abandona o rincão e vem contribuir para o inchaço dos pequenos centros. E as favelas, antes uma marca de grandes cidades, começam a brotar na periferia, subindo pelos coxilhões secos, descendo pelas canhadas, feias e sujas. Tão miseráveis como não existem outras, pois não há pobreza mais pobre que a dos campos. Lá não se encontram as sobras da indústria, nem os lixões ricos das metrópoles e muito menos os restos dos restaurantes, disputados a tapas pelos coitados das capitais. Seus irmãos do campo, que viviam agregados ao coronel, não têm a quem recorrer depois que o próprio coronel também desapareceu.

Os desacertos, porém, não ficam aí. Eles se mostram na vestimenta das pessoas, hoje transformada numa miscelânea de estilos e modas, onde não é raro o casamento das calças jeans com as botas gaiteras ou das bombachas com os gorros modernos. Essas combinações insólitas são de tal variedade que a ninguém mais espantam.

Também a linguagem se alterou. A criatividade do povo, inventando palavras e expressões, precisas, exatas, parece que se embotou. A riqueza da fala, com a expressividade que deliciava os visitantes, foi trocada por um patuá sem personalidade.

Nem o homem do campo é o mesmo. O ser que cultivava a independência acima de tudo, de personalidade forte e arestas vivas, opiniático e decidido, sofreu os efeitos dos novos tempos. Com a raspagem inevitável do progresso, integrou-se no todo e vive como os demais, com idênticos costumes, problemas e angústias.

O regional, aquele fio de colorido próprio no tecido nacional, conforme a imagem do poeta, parece que desbotou. Bem pouco se destaca do cinzento geral.

Mesmo os campos pagaram o preço. Muitos se transformaram em lavouras imensas, e justo os mais limpos e bonitos, onde a estética perdeu sempre para a produtividade.

Na mexida da terra caem as árvores escoteiras, inclusive as velhas e frondosas, em cuja sombra vinha o gado se defender do calor nos dias ensolarados. Os capões redondos, onde a passarada barulhenta se abrigava, tiveram que ceder espaço para as plantações. Sobraram mesmo uns poucos, aqueles que beiram os lageados ou escondem as sangas, quase sempre crescidos em chão dobrado e pedrento, onde a máquina não chega. Uma seleção natural às avessas, em que só sobrevivem os feios.

Com o mato, vão desaparecendo os bichos, muitos deles quase extintos. O veado e o guará não existem, e dos tatus, tão comuns em outras épocas, nem se ouve falar. Morreram intoxicados pelos pós que invadiram suas humildes tocas. Os passarinhos que voavam aos bandos, agora solitários e melancólicos, parecem abobados em tempos de plantio. Nas sementes que comem, não sabem os ingênuos que está impregnado o tóxico mortífero. E as gralhas, onde estão as gralhas que plantavam o pinhão, o tesoureiro rabudo, a saracura que quebrava potes à beira d'água, nos dias de chuva? Para onde foram os outros, miúdos e graudos, que enchiam de cor e música o tapete verde dos Gerais?

Mas não são essas as únicas ausências.

A mataria que margeava a estradinha por onde eu passava para visitar os amigos, quase fechando seu leito coleante, sombreando-nos dias de sol e escurecendo as noites frias do Planalto, não a avisto mais. Substituída pelas lavouras, muitas depois abandonadas, essas terras se mostram agora ouriçadas de pragas e com sinais de uma erosão que não havia. O chão lavado é o retrato áspero da desolação. Descampados esmarridos exibem manchas de florestas homogêneas, monótonas e silenciosas. Nelas, como diz o povo, nem cobra se cria.

E os pinheiros, meu Deus, onde foram eles? Alvos prediletos das inclementes serrarias, sumiram quase todos, restando apenas gralheiros e palitos solitários que lá ficaram desprezados. Não faz muito que eles predominavam, os soberbos cálices vegetais, com as copas verdes desenhadas contra o fundo azul do céu. Quem acreditaria que

o exército garboso e erecto ia succumbir diante de tão rasteiras hordas? Nem a proteção do deus Pã, seu padroeiro, conseguiu salvá-los.

No entanto, o pinheiro se liga de eras antigas à vida da região. Falava-se mesmo numa "civilização do pinho" que inspirou, entre tantas coisas, o ciclo do pinheiro na literatura, inaugurado pelo conterrâneo Guido Wilmar Sassi e seus contos antológicos, como "Noite" e "Amigo Velho".

O pinheiro estava sempre presente. Nas tábuas brutas das casas toscas, nas pontes que varavam rios, nas capelas perdidas no ermo, nas salas das festas e até nos caixões onde seres anônimos faziam a derradeira viagem. Nas serrarias numerosas, onde as fitas e os quadros fendiam as toras duras, para extrair tábuas e pranchões. Indústrias nômades e primitivas, em que mourejavam próximos sem eira nem beira, peões e sitiantes travestidos em operários da noite para o dia. E que, quando acabava o "material", mudavam para o Mato Grosso ou Amazônia, deixando atrás de si alguns ranchos de costaneiras, incontáveis aleijados de serraria e... montanhas de serragem. Montanhas amareladas de partículas de pinho, raspa grosseira dos dentes da serra e que ia se formando rente a cada serraria. Montanhas que escondiam excrementos, amores proibidos, segredos teríveis e promessas vãs. Montanhas que queimavam sem parar, anos a fio, com o fogo se alapando durante as chuvas para reviver mais tarde, e que ali ficaram como testemunhas quietas da destruição.

O pinheiro deixou marcas. Mandou e desmandou na economia, interferiu nas relações de trabalho, penetrou no linguajar, fabricou e destruiu políticos, personalizou a paisagem, posou para artistas, inspirou as letras, mexeu com a imaginativa popular e até tomou uns ares fantásticos.

Foi envolvido nas crendices e eu recorde de um deles que, segundo a voz do povo, crescia e diminuía aos olhos de quem o observava. Se era um madeireiro, interessado no lucro, o pinheiro mingüava, encurtava, fazia-se feio e imprestável para o corte. Mas se era um olhar amigo, apreciador das belezas naturais, ele se mostrava em toda sua perfeição e exuberância. E assim nunca foi derrubado.

De outro se dizia que em sua copada morava uma bola de fogo que perseguia os cavaleiros nas noites escuras dos campos. Nos pés de grandes pinheiros a lenda enterrou incontáveis panelas de ouro. Tantos são esses causos que se poderia levantar o folclore do pinheiro.

As erveiras também não escaparam ao avanço da lavoura. Árvores centenárias, com os galhos de veias salientes como braços musculosos, tombaram sem piedade. Esqueceram que vinham produzindo há muito tempo, desde os dias distantes em que o ouro-verde dominava os negócios, patrocinando o fausto das famílias e o luxo de festas inesquecíveis. Era indispensável abrir caminho para as tropas da nova ditadora.

Já na entrada da cidade, tive outra decepção. Nem a erva-mãe escapou. Existia lá, à beira de uma rua secundária, a chamada erva-mãe mater da qual o povo acreditava que todas as demais descendiam. Velha e rugosa, venerada pela gente humilde e admirada por todos,

muitos diziam que o chá de suas folhas tinha singulares propriedades criativas. Pois ela também desapareceu, removida em nome do progresso.

Compungido com aquela ausência, fiquei alguns momentos recordando como a vi pela última vez. Parecia um monumento brotado do chão. Com os galhos verdes e desnudos, aparados na colheita recente, eles se erguiam para os céus como cotos implorantes contra a fúria humana.

Sua prece silenciosa, no entanto, parece que não chegou ao Destino.

Colonização — Serviço Braçal

Instruções para os chefes de turmas de operários nas obras públicas em 1875

1) O horário de trabalho em todas as estações do ano se inicia ao romper do dia e é interrompido por uma meia hora para a merenda, as 12 horas é o almoço e como nos meses de inverno as tardes são mais curtas, o trabalho é iniciado às 13 horas, nos meses de verão às 2 horas e ao cair da noite termina o trabalho. Em dias de muito calor o chefe pode estender o descanso do meio dia até 1 e meia e até 3 horas, mas precisa compensar as horas até o escurecer. Caso se trabalhe aos domingos o mesmo horário terá que ser cumprido.

2) Durante as horas do trabalho o chefe terá que supervisionar os trabalhos e também não pode se ausentar do local sem a devida permissão de seu superior, seja em função do trabalho mesmo ou outra atividade, mesmo ao meio dia etc.

3) É necessário observar severamente o trabalho que foi des-

tinado a cada um e que o mesmo não seja interrompido por longas conversas particulares, observar igualmente que não surjam discussões entre os trabalhadores, ou mesmo agressões. Os elementos dados a intrigas, brigas e embriaguez serão punidos com a imediata demissão.

4) O número de trabalhadores que cada chefe tem sob seus cuidados e supervisão é determinado pela própria direção e ele de maneira nenhuma pode ultrapassar este número. Também só podem ser aceitas tais pessoas que necessariamente precisam trabalhar naquele momento.

5) Se um trabalhador sem autorização abandona seu trabalho, no novo mês iniciado, o mesmo recebe seu devido ordenado com um desconto diário de Rs. 100.

6) Se um trabalhador deixou durante o mês o seu local de trabalho e foi colocado numa outra

turma o chefe de turma terá que lhe entregar um bilhete mais ou menos com o seguinte teor:

"A este ... nada impede ser colocado em outra turma."

7) Nenhum chefe de turma pode aceitar um trabalhador sem que o mesmo apresente este bilhete devidamente assinado pela direção.

8) O chefe de turma, determina um dos trabalhadores como cozinheiro, precisa observar para que não seja esbanjado o alimento colocado a disposição, que a comida esteja bem preparada e pronta na hora certa, precisa observar a limpeza interna e externa do recinto que lhe serve como cozinha. Caso os trabalhadores queiram preparar sua própria comida, isto só pode ser feito fora das horas de trabalho.

9) As mudanças determinadas da direção e transmitidas por seus intermediários devem ser observadas rigorosamente pelos chefes de turma. Qualquer mudanças por parte destes últimos e das determinações, só podem ser feitas com a autorização dos respectivos funcionários, e ainda

não podem ser adquiridos qualquer material sem a autorização destes, nem fazer trabalhos a parte para o chefe de turma.

10) Os dias de trabalho precisam ser registrados diariamente e neles constar um relato exato dos trabalhos feitos em cada dia, este livro deve ser apresentado cada fim de mês à direção, deve constar também no livro quais as pontes, canais e esgotos receberam consertos.

Igualmente este registro precisa estar sempre em dia para o controle do funcionário revisar os trabalhos.

11) Em cada lista de ordenado precisa constar no final o inventário exato do material usado e que ainda existe.

12) Caso terminem num local ou são interrompidos durante algum tempo, os homens são dispensados, os utensílios de trabalho recolhidos e conservados em lugar seguro, contra estragos, roubos ou outros danos. Um relatório sobre tudo que foi guardado é necessário entregar à diretoria o quanto antes."

Tradução: Edith Sophia Eimer.

EM BUSCA DE ORIGENS DE SUZANA MEZZADRI

(pelo Prof. Padre Carlos Alberto Pinto da Silva)

Apresentação:

Estes artigos são parte do trabalho final da disciplina de Plástica, do curso de comunicação visual, do setor de ciências humanas, letras e artes da Universidade Federal do Paraná, feito pela minha prima Suzana Mezzadri em Curitiba no ano de .. 1988.

Estrutura da Pesquisa:

Índice — Introdução — Imigração — Imigração no Brasil — Imigração no Paraná — Antes — Árvore Genealógica — Os Bley — Luxemburgo — O Início no Brasil — Rio Negro — Nicolau Bley — Margarida Bley — Luiza Grein Stephanes — Os Juraszek — Bukovina — Jacob Juraszek — Itaiópolis — Depois —

Fazendo a História:

Hoje em dia todo mundo tem uma história para contar. Existem mesmo muitas histórias. Algumas pretendidas como verdade, outras ditas verdadeiras. A objetividade e a subjetividade históricas se tornam dialética na dependência da perspectiva com que se analisa o acontecimento. Talvez já não haja mais história, mas histórias que são feitas. Certamente isto também e histórico e qualquer explicação se torna infrutífera sem a consideração do fenômeno humano, que ainda é um grande mistério. Nossa tarefa, portanto, para conhecimento da existência é fazer nossa história, buscando as origens, descobrindo a vida. Eis a razão da importância deste trabalho feito pela Suzana Mezzadri, pois a memória, que parte do presente para atender o passado, é necessária. Contudo, resta-nos o desafio de tornar a história um memorial, ou seja, fazer o passado tornar-se presente para que o nosso futuro seja sempre melhor.

Imigração:

As migrações humanas constituem um fenômeno permanente e universal. Conhecido desde os mais remotos tempos pré-históricos, assumiu na época moderna uma surpreendente amplitude. Trata-se de um fenômeno multiforme quanto ao seu aspecto, direção, ritmo, causas, quantidade, consequências. Todos os

seres vivos são dotados de instinto migratório, mas é principalmente sobre o ser humano que ele atua despertando uma inquietude. A este impulso interior que dá ao homem uma extraordinária força de expansão, é que se deve a difusão do gênero humano no espaço terrestre, vencendo obstáculos que puderam deter a maior difusão de animais e das plantas (01).

Se em todos os tempos e em todos os lugares, o homem, impelido pelo impulso migratório, procurou mudar o lugar de sua morada, ele, entretanto, é caracterizado por um profundo apego ao seu meio natural, familiar e social. Há, portanto, duas tendências antagônicas que procuram ganhar o homem, porém a persistência das migrações humanas tem demonstrado a tenacidade do instinto migratório.

Entre os aspectos do fenômeno migratório, modernamente se destaca a IMIGRAÇÃO, movimento pelo qual o homem procura trabalho em outros países, no desejo de melhorar as suas condições pessoais de vida. A imigração obedece a causas, tanto de atração como de repulsão. Assim podem as migrações humanas serem motivadas por fatores biológicos, climáticos, políticos, econômicos, sociais ou religiosos. É natural, por exemplo, que a existência de regiões pobres em recursos e densamente povoadas e de outras regiões ricas em possibilidades econômicas e com populações rarefeitas, determine o estabelecimento recíproco de correntes migratórias.

Desta maneira se fizeram as

(01) Cf. Max Sorre. *Les Migrations des Peuples*. Paris, 1955 p. 28

grandes migrações internacionais do século XIX, em um momento em que, simultaneamente na Europa e na América, surgiram condições extraordinárias, naquela de repulsão e nesta de atração, necessárias ao processamento deste tipo de migração.

Ponto de Partida: O Velho Mundo do Século XIX

A mobilidade demográfica do século XIX, aliás caracteristicamente o século das grandes migrações humanas, foi causada sobretudo pelo aumento da população européia. Este aumento foi crescente depois das Guerras Napoleônicas, chegando a superar a porcentagem de 100%. No início do século a população européia alcançava cerca de 188 milhões de habitantes, sendo que às vésperas da 1ª. guerra mundial, ela ascendera à cifra de 450 milhões de habitantes.

Tal crescimento foi, sem dúvida, consequência das rápidas transformações econômicas operadas pelo advento da máquina. Também a industrialização trouxe problemas, de um lado a procura de braços para os trabalhos das fábricas mecanizadas, atraindo as populações campestres para os grandes centros industriais, mas de outro também, a falta de trabalho para todos aqueles que o solicitavam. Sem contar as melhorias nas condições de vida e de saúde o que diminuiu a mortalidade e aumentou o índice de natalidade.

Logo os espaços vazios da Europa tornaram-se restritos com o aumento crescente da natalidade, assim como os campos já não ofereciam meios suficien-

tes para a subsistência da massa populacional em rápida ascensão.

O congestionamento demográfico encontrou porém, válvula de escape na migração européia do século XIX. Este motivo principal, aliado a outras causas secundárias e particulares, como por exemplo, as dificuldades políticas, sociais e econômicas que sofriam os irlandeses, a crise agrícola e o descontentamento político dos alemães que ansiavam por liberdade, determinaram a saída de milhões de seres humanos em busca de melhores condições de vida.

Ponto de Chegada: América Latina — Novo Mundo

As oportunidades buscadas eram oferecidas pelo Novo Mundo, onde a pequena população deixava à espera dos europeus, grandes extensões territoriais a serem ocupadas e exploradas. Os "países novos", tendo premente necessidade de braços para poderem levantar seu próprio edifício econômico, desde a valorização do solo, até o assentar de sua indústria nascente, os acolhiam de bom grado.

As facilidades de comunicações transoceânicas inauguradas pela Revolução Industrial, iriam permitir a intensa circulação demográfica, sobretudo da Europa para a América. O grande fluxo migratório europeu para o continente americano foi, em geral, livre e espontâneo, tendo havido bem pouca interferência dos Poderes Públicos, quer dos países de emigração, como daqueles que recebiam os imigrantes. Foi a fase da chamada imigração liberal,

quando por motivos notadamente de ordem econômica, os europeus deslocaram-se em massa, constituindo tal emigração um movimento de conjunto, de tipo coletivo.

A América constituiu o grande centro de atração das migrações européias transoceânicas do

século XIX, oferecendo aos imigrantes possibilidades ilimitadas, não apenas de melhoria, mas também de afirmação de sólidas posições econômicas.

(No próximo artigo: A imigração no Brasil: Paraná e Santa Catarina. Os Bly e a vida que recomeça).



Schrader comemora 130 anos com trabalho de cinco gerações

As Organizações Schrader, formadas pela Companhia Comercial Schrader, pela Itadisa — Itajai Diesel S.A. e pela Schrader S.A. Comércio e Representações, chegam aos 130 anos de existência somando os esforços e o trabalho de cinco gerações, ostentando um sólido e respeitável patrimônio que surgiu da inspiração e do pioneirismo de Ludwig Andreas Ferdinand Schrader, o primeiro imigrante alemão a abrir uma casa comercial na recém instalada colônia fundada por Hermann Blumenau. E o fez com ousadia, iniciando suas atividades na freguesia de Belchior, em Gaspar, pois Dr. Blumenau não permitia que se estabelecessem negociantes no território da colônia.

Atraído pelo projeto imigratório que se iniciava, Ferdinand Schrader, nascido em 20 de ju-

nho de 1830, na cidade de Ruembeck, província de Magdeburgo, Alemanha, não hesitou em vir para o Brasil, abandonando as atividades agrícolas que desenvolvia em sua Pátria. Recomendado por seus médicos, que lhe aconselharam procurar uma região de clima mais ameno, em razão de problemas nas vias respiratórias, Ferdinand Schrader opta pelo Brasil e aqui chega aos 25 anos de idade, disposto a progredir em nova atividade.

No ano de 1855, Ferdinand Schrader chega à colônia de Blumenau e começa a montar seus negócios, inicialmente em Belchior. Em 1859, quando a colônia ainda dava seus primeiros passos e as atividades agrícolas constituíam o único meio de sobrevivência dos imigrantes, ele se transfere para a Vila de Blumenau, instalando a casa comercial

que leva seu nome, no mesmo local onde hoje funciona a Schrader S.A. Comércio e Representações, ao lado do prédio da antiga Prefeitura, no início da Rua 15 de Novembro. O comércio de Ferdinand Schrader desponta com a importação de gêneros de primeira necessidade e equipamentos agrícolas indispensáveis para as atividades dos colonos.

A família

No ano de 1864, Ferdinand Schrader casa com Auguste Hahn, que aqui chegara com seus pais e irmãos no ano de 1852. Desse matrimônio nasceram cinco filhos. Reimundo Ferdinand Wilhelm Louis, Wanda Minna Louise, Alwin Franz Schrader, Edward Louis e Elsbeth Emma, cabendo a Alwin Schrader a missão de dar sequência às atividades iniciadas pelo pai. Antes, porém, juntamente com o irmão Edward Louis, foi estudar na Alemanha, onde cursou o Ginásio de Gotha, com a intenção de formar-se em farmacologia ou medicina. A morte prematura do irmão Edward, atingido por um raio, contudo, altera os planos de Alwin, e quando ele regressa, por volta de 1890, passa a auxiliar o pai nos negócios, administrando o estabelecimento comercial.

Alwin Schrader casa com Elisa Hosang em 1893 e no ano seguinte assume a direção do comércio, alterando a razão social da empresa para A. Schrader, enquanto seu pai Ferdinand se retira para o merecido repouso, após 35 anos de intensas atividades comerciais. Em 29 de abril de 1898 ele veio a falecer, tendo sido sepultado no Cemitério E-

vangélico de Blumenau. Alwin Schrader e sua esposa Elisa tiveram quatro filhos, constituindo a terceira geração da família Schrader, formada por Ilse, casada com Edgar Oberstetter; Kaethe, casada com Erhard Bruck; Margarethe, casada com Carlos Frank; e Heinz Schrader, casado com Ottilia Karsten.

Crescimento

Com a força de vontade herdada do pai, aliada à visão empresarial e social que aprimorou na Europa Alwin Schrader ampliou os negócios da empresa, buscando sempre atender o crescente mercado da próspera colônia e as necessidades de desenvolvimento da sua comunidade. Participa como sócio fundador da Associação Comercial e Industrial de Blumenau, em 1898; lidera a fundação do Sindicato Agrícola de Blumenau, em 1907, onde exerce as funções de tesoureiro e depois presidente da Caixa Agrícola Cooperativa de Responsabilidade Ltda., a primeira instituição financeira a atuar no município, permanecendo no cargo durante 30 anos.

Entre outras atividades, Alwin Schrader atua como diretor gerente da Empresa Industrial Garcia, no período de 1923 a 1931, e ocupa a presidência da Fábrica de Gases Medicinais Cremer, entre 1935 e 1939. Também na política Alwin Schrader teve destacada participação, exercendo o cargo de Prefeito Municipal durante três mandatos consecutivos, entre 1903 e 1914, sempre eleito com expressivas votações. Foi também Deputado Estadual, ocupando uma cadeira na Assem-

bléia Legislativa de Santa Catarina entre 1925 a 1928.

Para poder atender a tantos compromissos comunitários e manter em permanente crescimento as atividades de sua empresa, Alwin Schrader buscou competentes companheiros, entre os quais se destaca Leo Laczyski, que com ele começou a trabalhar por volta de 1900, até se tornar seu procurador e gerir os negócios durante 29 anos. Com a expansão das atividades, a empresa passou a operar também no ramo de atacado, através da importação de vários produtos, entre os quais se destacavam a cevada, lúpulo, rolhas de cortiça, tampas metálicas para garrafas, além de arenques, enfeites para árvores de Natal, brinquedos e frutas secas.

Quis o destino que Alwin Schrader fosse surpreendido em sua última viagem à Alemanha, em 1939, pela deflagração da II Guerra Mundial, que impossibilitou seu retorno com vida ao Brasil. Lá faleceu em 1945, tendo suas cinzas trasladadas para Blumenau dois anos após e guardadas junto aos restos mortais de sua esposa Elisa.

Novo impulso

Coube a Heinz Schrader, que já acompanhava os negócios do pai, dar seguimento as atividades da empresa, assumindo sua direção a partir de 1927, quando a razão social da firma A. Schrader foi alterada para Schrader & Cia. Dos 15 aos 22 anos, Heinz Schrader estudou na Europa, onde teve a oportunidade de conviver com os mais evoluídos centros comerciais da época, conhe-

cimentos estes que passou a aplicar, diversificando os mercados de acordo com a evolução das necessidades e do consumo, passando a atuar também no ramo de representações.

Como intermediária, passou a se dedicar, em escala crescente, às importações de máquinas de costura, bicicletas, máquinas de beneficiamento de madeiras, arames e produtos de aço de todos os tipos, além de caminhões, a partir de 1938. Ao mesmo tempo inaugurava a fase das exportações, comercializando no exterior tabaco, toras de pinho e pinho serrado para a Europa, além de fécula de mandioca para os Estados Unidos.

Também atuou na importação de cimento Portland, óleos e graxas lubrificantes industriais e automotivos, quando assumiu a condição de concessionária dos produtos Mobil para Santa Catarina, em 1941. No ano seguinte a empresa foi transformada em sociedade anônima por ações, sob a denominação de Companhia Comercial Schrader. Em 1943 inicia atividades no ramo securitário e em 1945 comercializa caminhões White, importados dos Estados Unidos até 1956. Com o advento da indústria automobilística nacional passa a ser concessionária dos produtos Mercedes-Benz. No ramo de pneus vende as marcas Dunlop, Goodyear, Pirelli, Firestone e Michelin.

Em 1959, um momento histórico na vida da Companhia Comercial Schrader, para comemorar os 100 anos de sucesso da empresa e o ingresso da quarta geração na sua administração. Lothar Schmidt e Heinz Wolf-

gang Schrader, que ingressaram na empresa respectivamente em 1950 e 1957, assumem o desafio de dar prosseguimento à obra iniciada por Ferdinand Schrader, juntamente com Heinz Schrader e Antônio Gomes Coelho, este último na administração desde .. 1937.

O crescimento das atividades faz surgir as empresas subsidiárias, com a fundação em 1973 da Itadisa-Itajaí Diesel S.A., que atua no setor de veículos, e a Schrader S.A. Comércio e Representações, a partir de 1977, absorvendo importantes representadas.

Ao mesmo tempo a quinta geração se prepara para dirigir os destinos das empresas, assumindo posições de responsabilidade e comando, sendo motivo de orgulho para Heinz Schrader, destacado nas comemorações dos 130 anos das Organizações Schrader, pelo amor que une a todos em família. A participação de todos na história da Schrader, segundo ele, foi, é, e será extremamente importante, lembrando que o futuro também depende de modernização, de adaptação aos novos tempos. Razão pela qual, Heinz Schrader recomenda que estejam todos sempre alertas, recordando que a história das empresas está cheia de sucessivas transformações e isso permitiu que as Organizações Schrader chegassem aos 130 anos.

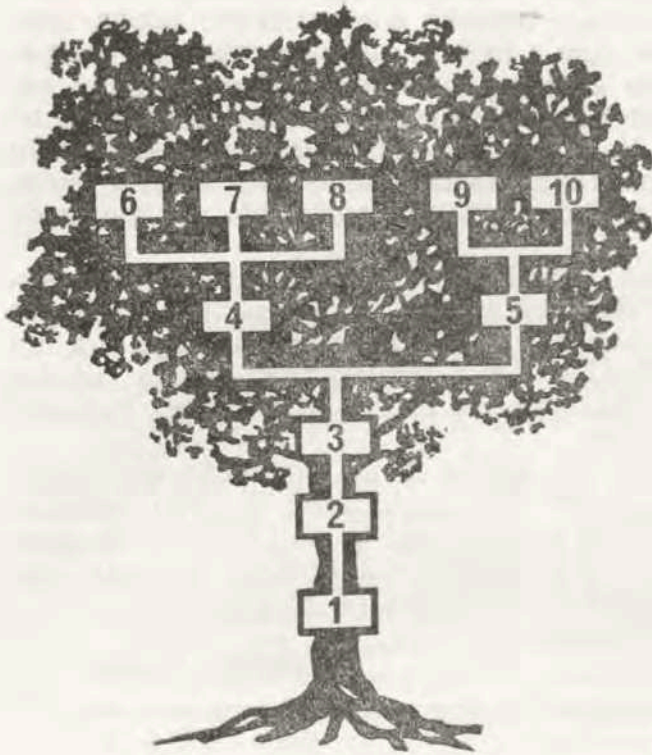
Incorporados à vida das empresas, ocupando cargos de direção, ou se preparando para tal, já estão atuando os representantes da quinta geração, através de Paulo Lothar Schmidt, como diretor gerente da Itadisa; Carlos

Husadel Dalsenter, como diretor da Schrader S.A.; Carlos Henrique Schmidt, como membro do Conselho de Administração da Companhia Comercial Schrader; Luiz Fernando Schrader, assistente da Administração e membro do Conselho de Administração da Companhia Comercial Schrader; e Carlos Augusto Schrader, atuando na Companhia Comercial Schrader.

Ao trabalho das gerações que se sucederam no comando das empresas, é de se destacar ainda a participação de abnegados colaboradores que se integraram nas diretorias, com o mesmo espírito empreendedor da família Schrader. Entre eles é justo lembrar de Ralf Wilhelm Graes, que durante 25 anos exerceu destacadas funções e prematuramente, em 1987, deixou do convívio entre nós. Atualmente fazem parte da diretoria das empresas, Mauro Raizer, da Companhia Comercial Schrader e Rui Sérgio Avelleda, da Itadisa.

Fato inédito em Santa Catarina e quiçá no Brasil

Cinco gerações fizeram da Schrader a mais antiga organização empresarial de Santa Catarina ainda em atividade, marcando presença na vida da comunidade, participando ativamente do desenvolvimento sócio-econômico da região, do Estado e do Brasil, identificando-se com sua gente, através do espírito comunitário de seus dirigentes, ao longo destes 130 anos de sua existência.



1. **Ludwig Andreas FERDINAND SCHRADER**
Augusto Hahn
2. **ALWIN Franz SCHRADER**
Elisa Hossang
3. **HEINZ SCHRADER**
Otilia Schrader (Kars-
ten)
4. **LOTHAR SCHMIDT**
Siegfried Schrader Schmidt
5. **HEINZ WOLFGANG SCHRADER**
Ilka Luiz Gutschow
Schrader
6. **PAULO LOTHAR SCHMIDT**
Jeanete A. L. Schmidt
7. **CARLOS HUSADEL DAL-
SENTER**
Beltrina Schmidt Dalsenter
8. **CARLOS HENRIQUE
SCHMIDT**
9. **LUIZ FERNANDO
SCHRADER**
Adriana Carvalho Schra-
der
10. **CARLOS AUGUSTO
SCHRADER**

Cartas

Do estimado amigo Silveira Jr. recebemos o seguinte:

"Florianópolis, 12 de novembro de 1989.

Meu caro confrade JOSÉ GONÇALVES

Acabo de ler no último "Blumenau em Cadernos" a versão do nosso comum amigo Hermes Justino Patrianova segundo a qual o topônimo Itajaí significa "rio do jaó de pedra". Esse jaó seria a pedra existente na estrada de Cabeçadas, conhecida por "bico do papagaio". É uma versão nova do discutido topônimo, mas creio que não encontra justificativa nos fatos. Pessoas antigas que ouvi, em 1949, quando publiquei um estudo sobre o assunto, me garantiram que a forma atual de um bico de ave que tem aquela pedra foi o resultado de repetidos desbastes que a mesma sofreu, quando, no começo do século, foi aberto o acesso a Cabeçadas. Por outro lado, segundo exaustiva pesquisa do Padre Raulino Reitz, publicada no "Anuário de Itajaí de 1949", o topônimo Itajaí, com várias versões gráficas, aparece desde o século XVII, mas aqui há um detalhe muito importante: praticamente, com raríssimas exceções, antes do século XIX, não se grafava o topônimo Itajaí e sim Tajaí.

Se aceitarmos o fato de que os indígenas chamavam o nosso

rio de **Tajai**, não há dúvida de que seria então **rio dos taiás**, que é um arbusto de tubérculos comestíveis, também conhecido por taioba; mas se aceitarmos a atual grafia, com i inicial, então as coisas se complicam. Procurei em Assunção a maior autoridade talvez mundial em guaraní, o professor Reinaldo Decoud Larrosa, que me afirmou: "Se os índios chamavam o rio de Itajai, então estamos diante da expressão guarani ITA-JA-AI, que significa **pedra laminada**, uma ardósia muito encontrada no município de Ilhota, também conhecida por pedra de amolar.

Mas eu, meu caro José Gonçalves, me inclino a aceitar a versão de que o "i" inicial foi acrescentado no fim do século XVIII por viajantes e colonizadores europeus que imaginaram que **Tajai** era um erro de pronúncia dos nativos, já que o prefixo "ita" (pedra) ocorre com muita frequência na toponímia do litoral catarinense: Itapema, Itajuba, Itaperiú, Itapocorói, etc.

É a minha colaboração ao seu excelente Blumenau em Cader-nos. Este assunto se acha muito mais explicitado no meu trabalho "Anuário de Itajai de 1949", que suponho existir na Biblioteca da Fundação "Casa Dr. Blumenau", ou no Itajai 1972, também de minha autoria, que se encontra na Biblioteca Pública de Florianópolis.

Um grande abraço do amigo

Silveira Junior".

Educação no Passado

A Disciplina na escola

Em seu número 42 de 15 de abril de 1899 o jornal "Urwaldsbote" que era publicado em Blumenau trouxe o seguinte artigo:

Há algum tempo atrás aconteceu que na escola da cidade dirigida por mim, um aluno da classe inferior precisou ser castigado corporalmente. Isto foi acusado por uma pessoa "digna de crédito", o inspetor escolar do Estado, e teve como consequência uma troca de cartas, oficiais entre o último e a minha pessoa; nestas cartas eu novamente sou chamado a atenção, sobre a lei escolar que proíbe qualquer castigo corporal em escolas do Brasil. Como é um parágrafo de lei

que proíbe isto, obriga-me naturalmente a obedecer, mas muitas vezes existem parágrafos de leis, que podem ser e devem ser censuradas. Para estes também conta este fato em questão.

Primeiro foi meu propósito, por educadas interrogações chegar ao nome desta pessoa "digna de crédito" para então com ela me entender e discutir o caso. Conhecer o nome da pessoa me foi negado, o que muito lamentei. Por este motivo eu quero manifestar-me livremente perante o público, já que um encontro amigável não é possível.

Quando um jardineiro desenvolve bem a sua profissão, então

ele prepara primeiro a terra, começando com o afastamento das ervas daninhas; afofa a terra e depois semeia. Quando então a planta cresce é sua obrigação livrar de brotos selvagens, e, com uma simples faca, intervir no desenvolvimento da planta.

Portanto também o professor, é o jardineiro da escola. Pois as escolas são uma floresta, na qual há muitos troncos verdes que devem servir para a construção de casas na terra.

A primeira condição, que é necessária para o desenvolvimento de uma planta no jardim escolar, é a obediência. Se em algum lugar surgir um broto selvagem então ele precisa afastá-lo, e quando então palavras gentis e referências severas não produzem os frutos desejados ele não se coloca à frente com as palavras: Erva daninha, desapareça, eu ordeno! Mas sim, pega uma enxada e a afasta. Assim age o jardineiro alemão. Quando palavras e admoestações não mais ajudam, então a educação alemã também tem a sova alemã! Para que todos se habituem a obedecer em todas as situações da vida, nisto consiste a grande força do caráter alemão. Mas desejamos a todo outro povo que faça valer para si este simples fator e o execute. E é verdade! Não são estas sovas que um povo aplica a sua própria prole que se mostrem capazes e dignos de administrar a herança recebida dos pais e também conservá-la. Mais grave eu considero a sova que um povo aplica a si mesmo, pela incapacidade de administrar bem as enormes riquezas com que Deus abençoou esta terra; não só administrá-las, mas tam-

bém usá-las, para desta forma elevar o respeito da nação. Pior ainda é a sova que um adulto recebe de um desconhecido, como compensação pela sova que lhe deveria ter sido aplicada na juventude e não foi feita.

Não faz muito tempo que circulou na imprensa do país a notícia que rapazolas — Perdão eu queria dizer “senhorzinhos”, bateram em seu professor e para garantir as aulas do mesmo este precisou ser protegido por alguns soldados. Ai está! Alunos e rapazes imaturos podem, sem receber castigo, bater no professor; mas um parágrafo de lei, estabelece que um professor não pode castigar um aluno.

Ficamos às vezes surpresos que tal parágrafo ainda não tenha sido minado. A nosso ver ele vem do tempo em que no Brasil ainda existia a escravidão. Castigo corporal só podia ser aplicado aos escravos. No tempo do Império, pelo menos ainda era reconhecida a necessidade da palmatória, o tapa na palma da mão; mas também este castigo foi abolido no tempo da República. Se hoje, com a escravatura abolida, ainda existe tal parágrafo, então se sente ainda o cheiro intenso da escravatura e demonstra um relativo baixo grau de cultura, quando não se reconhece que a verdadeira liberdade consiste na auto-obrigação e que todo o povo precisa educar a geração em formação a esta auto-obrigação.

Em toda Nação civilizada a casa paterna passa ao professor todos os direitos e obrigações perante a criança durante o tempo de aulas. Na Nação Brasileira o professor não é digno de tal con-

fiança, não tem valor? Qual o pai que já não chegou na posição de acentuar mais veementemente suas palavras? Por que então lembrar ao professor só suas obrigações, favorecer cuidadosamente a educação das crianças e sonegar seus direitos para o cumprimento de suas obrigações? O professor está em presença dos alunos como representante dos pais e em missão do Estado. Aos primeiros deve educar bons filhos e ao último cidadãos prestáveis. Se querem que ele faça justiça a ambas as partes, então lhes dêem todos os meios que são necessários para alcançar o objetivo. Se uma vez a concepção punir é confundida com ferimentos corporais, então não somente o professor merece castigo, mas também o pai. Mas enquanto ambos estão distintamente separados então também devem ser tratados como tal.

Tão necessário é o castigo para todo ferimento corporal, tão justificáveis são as circunstâncias de punição de um desobediente e rebelde. Se as vergastadas no momento também são sentidas como desagradáveis — O agradecimento por estas, nos anos futuros não deixam de existir por aqueles que o receberam. Quem na juventude não soube aprender a obedecer, mais tarde também não sabe ordenar. Existem tantas árvores a quem se desejaria honestamente, que em sua mocidade tivesse sido melhor cuidado. Ele, o aluno, com mais dignidade preencheria seu lugar na sociedade. Um velho grego certa vez disse estas bonitas palavras: "homme dareis atnropos uh paidenetai". Isto é: o homem que não foi punido, também não foi

educado. O sábio Salomão diz em sua coleção de citados: (13, 24): Quem poupa sua vêrga, odeia seu filho, mas quem o ama, o pune cedo. (13, 1) Um filho sábio permite que o pai o castigue. (19, 18) Castigue teu filho, porque há esperança, mas não permita que tua alma seja levada a matá-lo. (23, 13) Não deixe de castigar o menino. (29, 17) Castigue teu filho; assim ele te eleva e fará bem à tua alma. Sirech 30, 1-13 Quem ama seu filho sempre o leva sob a sombra da vêrga, para que depois possa alegrar-se com ele. Quem disciplina seu filho, terá alegrias e não precisa envergonhar-se perante conhecidos. Aquele que disciplina seu filho, amargura seu inimigo e alegra seus amigos. Porque onde morre seu pai é como se ele não tivesse morrido: porque deixou semelhantes a ele. Enquanto vivo, via suas alegrias e tinha sua satisfação, quando morreu não precisou preocupar-se porque ele havia deixado uma proteção contra seus inimigos e que novamente pode ajudar aos amigos. Mas aquele que é fraco para com seu filho, lamenta suas vergastadas e se assusta sempre que o vê chorar. Uma criança dengosa torna-se travessa como um cavalo selvagem. Dê muito mimo a teu filho e mais tarde terás medo dele; brinque com ele; assim, mais tarde, ele o deixará triste. Não brinque com ele para que mais tarde não te lastimes. Não lhe dê toda a vontade na juventude e não desculpe suas tolices. Faça com que ele incline a cabeça enquanto jovem, castigue-o enquanto pequeno para que não se torne teimoso e lhe desobedeça. Eduque seu filho e não o deixe ocio-

so, para que não te envergonhe mais tarde”.

Por fim ainda que me seja permitido colocar mais três importantes vozes da pedagogia em campo: No livro sobre educação escolar de Schwarz e Curtmann, oitava edição, lemos nas páginas 687 e 688 o seguinte: O castigo corporal, por mais que se procurasse colocá-lo como uma antiquada manifestação de grosseria; esta prática de acordo com o julgamento de quase todas as pedagogias práticas, não pode ser dispensada em casa, nem nas escolas. Enquanto ainda persiste a sensualidade na criança, a oratória não é o meio de obter dela permanentes sentimentos e propósitos, precisa ser atingida por ações que lhes dê a indicação para o correto e estas consistem na maioria na dor física que lhe foi aplicada, com propósito educacional. A força sensual precisa lutar contra a sensualidade, até que a espiritual saia fortificada nesta luta; então os meios de castigo passam ao espiritual. Numa escola onde a travessura de uma criança se contagia na de uma outra, onde a diversificação de caracteres agem em conjunto, onde a grosseria caseira lhe foi demonstrada, muitas vezes a perversidade de um, põe em perigo a moralidade do outro, transgressões da ordem acontecem diariamente. Admoestações só fazem efeito enquanto novas. O restante dos castigos se desgatam muito depressa, para que possam ser guardadas para casos mais raros e para anos mais adiante.

O que portanto resta, do que os velhos e antiquados meios já utilizados por séculos? Não, na forma como ainda aparecem nas

famílias grosseiras e como costumavam ser nos tempos da degeneração pedagógica, e humilhação na escola estavam na ordem do dia, mas sim com modificações que a civilização lhes impôs.

Retirar este meio de castigos dos direitos de uma escola é pecar contra a força da natureza, o que então se vingará em parte por fraqueza da disciplina, e em parte por aborrecidas inseqüências por parte dos professores. Igualmente tola é a forma de enclausuramento como estes castigos devem ser feitos. Quanto mais artificial, tanto mais ineficaz, quanto mais é rebaixada a autoridade do professor, tanto mais ele cai na necessidade de fazer uso do meio mais extremo. Por isto, nenhuma testemunha controladora por parte de um superior, o professor não é nenhum algóz! Nenhuma verga, no lugar da vara, nenhum estender da mão ou os dedos para esperar a batida do professor ou para ridicularizá-lo! Ao educador se deve confiança: se não merece isto em sentido geral, então é indigno de seu cargo. Se não lhe dão esta confiança pais ou superiores, porque uma vez, não mediu os meios com as medidas que lhes aprovassem, então desconhecem o espírito da educação.

O que se pode estipular como direito pedagógico é: Na escola não pode acontecer nenhum maltrato, seja lá que nome se dê ao mesmo. O professor só pode utilizar meios de castigo que, cultos e ao mesmo tempo compreensíveis que os pais também não receiam aplicar em suas próprias casas. O professor não emprega nenhum castigo perante as

crianças que ele não ache também adequado perante os olhos dos adultos. Se receia que o calor do momento o leve, então transfere o castigo anunciado para mais tarde. Cada castigo registra no diário com toda precisão, para que possa reconhecer mais tarde bem como os superiores, a validade pedagógica. Pode-se porém destacar as classes nas quais os castigos corporais cessaram, e só mesmo empregados em casos notórios. Também isto pode ser estabelecido: Nenhuma criança é submetida ao castigo físico, antes de passar os graus mais leves de castigos. No final se chega à conclusão, que os professores mesmo precisam ser educados para o senso humanitário, para que as crianças sejam tratadas com humanidade. As medidas preventivas são sempre apertadas ou elásticas demais”.

Com Herbert, em suas palestras “Esboços Pedagógicos” diz no 51º o seguinte:

Os castigos físicos, que costumam acontecer, onde admoestações não mais ajudam, em vão se tentaria abolir de todo, mas devem ser tão raros, que mais se receiem a distância seu cumprimento, do que realizados de verdade.

Não faz mal a nenhum rapaz, quando se lembra que como criança experimentou a vêrga. Também não lhe faz mal se considera agora a impossibilidade de receber ainda vergastadas, colocadas no mesmo nível com a impossibilidade que ele mesmo possa receber tal tratamento. Mas para ele seria prejudicial uma violenta irritação do sentimento de honra, quando pouca atenção dá ao castigo físico. É

altamente prejudicial e, o que também acontece ainda uma vez ou outra, crianças que já estão habituadas ao castigo físico, recebem de novo este mesmo castigo.

A insensibilidade mais brutal é a consequência e quase é impossível recuperar que os verdadeiros sentimentos ressurgem.

Um pouco diferentes são as consequências se deixamo-nos à fome por algumas horas. Aqui só acontece numa educação, mas não numa ação revoltante”.

Mais conhecida é a retirada da liberdade do castigo mais comum e com razão desde que seja equiparada ao delito cometido. Também permite os mais variados graus, do garoto pequeno que se coloca num canto da sala, até o trancar num quarto escuro. Mas estes castigos não devem ser prolongados se não há vigia perto e lugar adequado. O efeito de um castigo depende naturalmente da personalidade do professor, do respeito e do amor que ele desfruta. O direito do castigo físico, no entanto o professor não pode dispensar nas atuais condições. Sempre acontecerão casos das controvérsias, da mentira, da tortura aos animais, os ferimentos físicos propositais aos atentados, às árvores ou florestas. Nestes casos, brandura não é aconselhável. Mas em parte abandonada a educação caseira, no constante crescimento da brutalidade de nossa juventude, o severo procedimento se faz necessário. Mas é obrigação primoritária: o castigo físico deve se restringir aos casos acima citados. E então na aplicação deste castigo, o professor, seja cuidadoso; o castigo deve doer, esta é a finalidade. Só

existe um meio de evitar eventuais ferimentos num castigo físico: reflexão tranquila. Portanto, o professor conserva a vêrga

trancada, nunca castigue num momento de raiva momentânea.

Ass.: Pastor H. Faulhaber.
(Tradução: Edith Sophia Eimer).

Aconteceu...

Dezembro de 1989

DIA 1º. — Segundo divulgou a imprensa local (JSC), neste dia, que foi estabelecido o Dia de conscientização no combate contra a Aids, existe, só em Blumenau, 39 casos de aidéticos, diagnosticados e registrados pelo Centro de Saúde.

* * *

DIA 5 — A Escola Superior de Música, iniciou a Mostra 89 dos alunos da citada Escola, com uma série de apresentações, até o dia 13. Os espetáculos foram desenvolvidos no auditório "Heinz Geyer", do Teatro Carlos Gomes.

* * *

DIA 6 — O prefeito Vilson Pedro Kleinubing, perante seus assessores, sancionou a Lei do novo Plano Diretor do município, que passou logo a vigorar. Os novos Códigos de Diretrizes Urbanísticas, Zoneamento, Edificações e parcelamento de Terra, estabelecem normas decisivas e criam condições para uma perfeita normalidade em torno deste problema.

* * *

DIA 6 — O prefeito Vilson Pedro Kleinubing inaugurou o poço artesiano situado na rua Alice Ferreira dos Santos, bairro Badenfurt, assim como a pavimentação asfáltica do Loteamento Jardim Primavera, no bairro da Velha. O poço artesiano passou a beneficiar 260 famílias. Na obra, foram implantados 5.500 metros de rede e o reservatório instalado tem capacidade para 100 mil litros. O poço produz 15 mil litros de água por hora. A obra total custou aos cofres do Samae, NCz\$ 500.000,00.

* * *

DIA 7 — Com missa celebrada pelo vigário da Paróquia N.S. da Glória, Padre Geraldo, a Casa da Esperança, que abriga 80 meninas entre 5 e 14 anos, comemorou a passagem de seus 10 anos de contínua e valiosa atividade. Naquela casa, as meninas, em regime de semi-internato, ocupam-se no aprendizado de serviços domésticos em geral e datilografia. Uma obra digna de aplausos.

* * *

DIA 8 — Presidida pelo prefeito Vilson P. Kleinubing, foi oficialmente aberta, nesta manhã, a II Feira Têxtil de Blumenau, tendo por local o Pavilhão "A" da PROEB.

* * *

DIA 9 — No Centro Hípico Estância Coruja, foi iniciada com-

petição da Copa Citibank de Hipismo, com a presença de 80 conjuntos participantes.

* * *

DIA 9 — Às 18 horas foi oficialmente aberto o Terceiro Festival de Acrobacias Aéreas no Aero Clube de Blumenau. A grande festa contou, além de diversas aeronaves acrobáticas, com a presença da Esquadrilha da Fumaça.

* * *

DIA 9 — Em consequência dos estragos causados por fortes temporais em Blumenau, o prefeito Vilson P. Kleinubing assinou o Decreto nº. 3.651, que declarou “situação de emergência no Município de Blumenau. As chuvas atingiram, nos dias anteriores, a todos os bairros da cidade, com enormes prejuízos ao Patrimônio Público e de particulares.

* * *

DIA 10 — Para atender aos casos mais prementes em consequência dos estragos causados pelas enxurradas dos dias anteriores, o prefeito Kleinubing destinou, através do Decreto 3.655, por intermédio da Secretaria de Planejamento, a verba de NCz\$ 1.000.000,00 (um milhão de cruzados novos).

* * *

DIA 12 — Perante representantes da imprensa, o Chefe da Divisão de Odontologia da Secretaria de Saúde e Bem-Estar Social de Blumenau, Héliyon Ribeiro, lançou o 1º. Seminário Catarinense de Saúde Bucal, com duração até o dia 12 de fevereiro. O ato verificou-se na Câmara de Vereadores.

* * *

DIA 18 — Relatório entregue pela Secretaria do Meio Ambiente e Defesa Civil, ao prefeito Kleinubing, e relativo ao Departamento de Trânsito da Prefeitura, informa que durante o ano de 1989 ocorreram 3.731 acidentes, resultando em 737 feridos e 43 mortos, contra um saldo, em 1988, de 4.237 ocorrências, com 1.036 pessoas lesionadas e 60 vítimas fatais. Ainda segundo o relatório, houve, como resultado daquela estatística de 1989, um total de 1.347 colisões, 1.228 abalroamentos e 767 choques. Os automóveis de passeio foram os mais envolvidos, num total de 5.132, além de 842 caminhões de carga e 557 motocicletas.

* * *

DIA 21 — Presidida pelo prefeito Vilson P. Kleinubing, foi inaugurada, às 17,30 horas, a ala “Dom Camilo” e a Unidade de Tratamento Intensivo para crianças do Hospital Santo Antônio e que é mantido pela Fundação Hospitalar de Blumenau. O Hospital Sto. Antônio foi o primeiro de Blumenau a implantar uma UTI infantil.

* * *

DIA 22 — De acordo com relatório apresentado ao prefeito Kleinubing pelo Departamento de Agricultura da Secretaria de Desenvolvimento Econômico da Prefeitura, foram distribuídos, durante o

mês de novembro de 1989, nada menos do que 3.801 quilos de hortaliças a várias entidades assistenciais do município. O Horto Florestal produziu no mesmo mês, 2.971 mudas de essências nativas e exóticas. O relatório também aponta a distribuição de 500 mudas de hortaliças, assim como 2.133 quilos de sementes às escolas da rede municipal. O Departamento de Agricultura realizou ainda serviços com micro-tratores em 37 escolas e entregou 225 metros cúbicos de adubo orgânico e 22 sacos de calcário. O programa de Hortas Escolares beneficiou em novembro, 36 escolas municipais e 27 estaduais. No setor de Inseminação Artificial foram feitas aplicações de 141 ampolas de sêmen das raças Jersey, Holandesa, Gir e Nelore. Por outro lado, a Clínica e Defesa Sanitária Animal prestou atendimento a 1.090 animais de 756 propriedades. Na campanha de combate à febre aftosa, foram vacinados 9.902 bovinos em 1.882 propriedades. Foram revendidos insumos agrícolas a 3.519 agricultores, totalizando o valor de NCz\$ 177.995,30 com a revenda.

AS PREVISÕES FUTURAS PARA A INDÚSTRIA DE MÁQUINAS NO FABRICO DE LATICÍNIOS NO SUL DO BRASIL

CONSELHOS PRÁTICOS E EXPERIÊNCIAS COLHIDAS, NUM VALIOSO TRABALHO DE EUGEN KIESEH, TÉCNICO NO FABRICO DE LATICÍNIOS E AGRICULTURA, "PERGUNTAS PARA O FUTURO" — EDITADO EM BLUMENAU EM 1918, IMPRESSO NA TIPOGRAFIA BAUMGARTEN.

(Conclusão)

Digno também de nota é a viagem do exportador principal. Este trouxe a notícia de que sua manteiga, no momento, não estava sendo procurada e que para depois da guerra poderíamos contar com uma paralisação total do negócio de nossa manteiga. Não podemos cumprir as mínimas exigências porque o verão não permite que cheguemos a . . . 78% de oleosidade. E contra a superacidês não temos poder. Então nada mais sobrava do que misturar banha de porco e esta "mistum compositum" lançar no mercado.

No final deste capítulo podemos constatar a lei da manteiga com todos seus prós e contras. Lançou os fundamentos para uma modificação de nossa produção de manteiga. Logo,

com o reinício de tempos normais é preciso partir imediatamente para o aproveitamento lucrativo do leite e conseguir o mercado para os nossos produtos.

Os comerciantes desistem de seus direitos tradicionais e, reconhecendo, entregam-se passo a passo ao natural desenvolvimento dos laticínios.

Logicamente os colonos todos seguirão o caminho do sindicalismo da técnica laticínia. Por várias vezes disse e escrevi que o cumprimento das leis e a luta de concorrência não seria problema para nós. Como colonos alemães forjamos nossas armas de luta. As palavras manteiga blumenauense terão que soar semelhantes às de "Made in Germany".

(tradução: Edith S. Eimer)

SCHUERMANN EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS LTDA. ATINGE SEUS 43 ANOS

Neste ano de 1990, a firma Schuermann Equipamentos Industriais Ltda., originária de W. Th. Schuermann Representações, está alcançando seus 43 anos de atividades ininterruptas.

A história da Schuermann tem início no pós-guerra, em 1947, quando o mundo inteiro retoma seu ritmo natural. A esta altura, Wilhelm Theodor Schuermann, nascido em 9 de dezembro de 1907 na cidade da Hamborn, Alemanha, já cruzou o oceano e é um cidadão naturalizado brasileiro. Envolvido com o mundo dos esportes, encontra e faz grandes amizades, que o incentivam e apostam no futuro de sua carreira na área de vendas que então começa promissoriamente.

Em 1947, fundou sua primeira empresa, a W Th. Schuermann Representações, uma empresa que passou a se dedicar à representação de produtos para os mais diversos fins e aplicações.

O mercado de então, carente de pioneirismo, produtos e equipamentos, abriu espaço para a fundação da Schuermann & Cia. Ltda., em 1954.

À medida que avança a nova década, avançava também a empresa, evoluindo rapidamente nos negócios e no mercado, transformando-se, já em 1960, em sociedade anônima, atuando com destaque na área de auto-posto e oficinas.

Em 1970, o mundo era surpreendido pela crise do petróleo. O ocidente redimensionou sua economia, passando a conviver com a idéia do racionamento, buscando novas alternativas. Um acontecimento marcante que passou a gerar reflexos imediatos nos mais diversos setores e segmentos do mercado. Atenta, a Schuermann diversificou a sua linha de serviços, principalmente de vendas, para atender um novo perfil de clientes. Partiu então para o campo de acessórios e equipamentos pesados, destinados em quase toda sua totalidade para uso industrial. Esta trajetória levou Wilhelm Theodor Schuermann à Presidência da Schuermann Equipamentos Industriais Ltda., empresa responsável hoje pelo atendimento de mais de quatro mil clientes em todo o sul do Brasil.

Hoje a Schuermann é uma empresa extremamente sólida, estruturada a partir de sua matriz em Blumenau e mais seis filiais em Santa Catarina, localizadas nas capitais das principais micro-regiões do Estado. Uma estrutura que permite a comercialização acima de 12 mil itens de 100 marcas diferentes, apoiada por mais de uma centena de colaboradores, incluindo vendedores.

Com um grande estoque e assistência técnica localizada também em todas as filiais, a Schuermann está preparada para enfrentar a dinâmica da década de 90, em direção ao ano 2.000.

Este registro, que representa uma parte da nossa história, na evolução sócio-econômica de Blumenau, o fazemos com satisfação, cumprimentando os diretores, acionistas e funcionários, e, em especial o velho amigo e companheiro de viagens W. Th. Schuermann, pela satisfação que lhe vai na alma por ter podido acompanhar a evolução da empresa que fundou, vendo seus filhos e demais colaboradores colher os frutos deste trabalho de equipe que ele soube tão bem organizar.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Frederico Kilian; vice-presidente — Urda Alice Klueger.

MEMBROS: Julio Zadrozny — Sra. Ilse Schmider — Martinho Bruning — Ernesto Stodieck Jr. — Ingo Wolfgang Hering — Nestor Seara Heusi — Rolf Ehlke — Arthur Fouquet e Frank Graff.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA